

A SEMÂNTICA INTERPRETATIVA EM SUA FASE MAIS ANTIGA:
LEITURA DE "STRUCTURE OF A SEMANTIC THEORY"

Rodolfo Ilari
(UNICAMP)

1. Os objetivos de "Structure of a semantic theory"

Publicado em 1963, "Structure of a semantic theory" de Katz e Fodor pode ser encarado como a primeira tentativa historicamente importante de fazer semântica numa perspectiva gerativa-transformacional. O artigo é de autoria de dois autores ligados ao Massachusetts Institute of Technology; não só compartilha os pressupostos mais amplos do gerativismo (descrição da competência ao invés da produção e recepção; eliminação das variações sociais e diacrônicas pela consideração de um falante idealizado; utilização de métodos "formais") mas apresenta-se explicitamente como um complemento da descrição sincrônica preconizada em Syntactic Structures, de Chomsky (1957): uma sintaxe transformacional, elaborada segundo Syntactic Structures e uma semântica construída segundo "Structure of a Semantic Theory", juntas, seriam supostamente capazes de abarcar todos os aspectos da competência linguística de um falante ideal de uma língua dada.

1.1. Definição de "competência semântica"

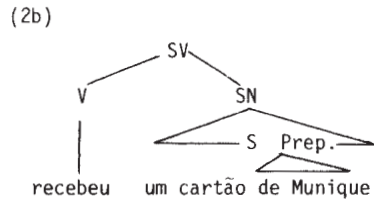
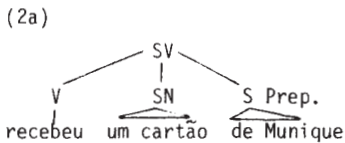
Segundo Katz e Fodor, o fenômeno mais característico da competência linguística dos falantes consiste na capacidade de produzir ou interpretar um número in definidamente grande de orações que nunca ouviram ou pronunciaram. Essa capacidade resultaria do fato de que os falantes projetam o conjunto necessariamente finito de orações, com que se defrontaram em sua história pessoal, num conjunto potencialmente in finito de orações novas; o fator fundamental dessa projeção é identificado por sua vez com a possibilidade de combinar de maneiras diferentes as unidades (grosso modo: as palavras) de que as orações se compõem.

Uma vez reconhecido que as mesmas palavras podem ocorrer em contextos diferentes, nossa capacidade de perceber semelhanças e diferenças no sentido das orações pode eventualmente basear-se em razões sintáticas. Por exemplo, a ambigüidade de

- (1) Pedro recebeu um cartão de Munique
- a. Pedro recebeu um cartão proveniente de Munique
- b. Pedro recebeu um cartão representando Munique

é espontâneo atribuir fundamentos sintáticos, já que a preposição de se presta tanto

para introduzir na oração o adjunto adverbial como o adjunto adnominal. Às duas maneiras (a) e (b) de interpretar (1) podem-se associar dois indicadores sintagmáticos diferentes, por exemplo (2a) e (2b), em que a expressão de Munique figura alternativamente como parte do sintagma verbal recebeu um cartão de Munique, ou como parte do sintagma nominal cartão de Munique.



Inversamente, os autores também parecem dispostos a considerar como si nônimas orações entre as quais se possam estabelecer, por meios exclusivamente sintáticos, relações de tipos particulares. Assim, haveria sinonímia entre orações que se distinguem apenas pela voz do verbo (cp. (3)), ou pela posição do advérbio de modo (cp. (4))

- (3) a. O promotor investiga o crime.
 b. O crime é investigado pelo promotor.
- (4) a. Vagarosamente, o sol se põe.
 b. O sol se põe vagarosamente.

Há contudo, segundo Katz e Fodor, uma série de aspectos da interpretação das orações para os quais uma justificação puramente sintática não é suficiente. Entre esses aspectos, os autores arrolam:

a) a capacidade de perceber e enumerar ambigüidades não sintáticas, e de resolvê-las eventualmente no contexto da oração. Um exemplo de oração ambígua por razões não sintáticas é (5), onde o substantivo conta está alternativamente por pedra de colar ou cálculo; note-se que a oração (6) não é ambígua, a despeito da presença da mesma palavra conta:

- (5) a conta foi arredondada
 (6) a conta é difícil para uma criança do 2º ano porque tem decimais e vai-um.

b) a capacidade de detectar anomalias não-sintáticas; um exemplo do que os autores entendem por anomalias não-sintáticas é a aproximação do adjetivo silenciosa ao substantivo altura em (7):

- (7) A altura silenciosa do triângulo mede 4 metros.

(c) a capacidade de estabelecer entre orações diferentes, por exemplo (8), (9) e (10), relações de paráfrase total ou parcial:

- (8) O irmão da mãe é uma figura importante nessa tribo
 (9) O tio materno é uma figura importante nessa tribo

(10) O tio é uma figura importante nessa tribo

Ao conjunto de todas essas capacidades, Katz e Fodor chamam de "habilidade para interpretar orações"; o objetivo que se propõem é o de determinar que características deva ter um dispositivo capaz de reconstituir formalmente a "habilidade para interpretar orações".

1.2. Aspectos metodológicos gerais

No fim do parágrafo anterior, as palavras "reconstituir" e "formalmente" foram utilizadas de maneira proposital: elas chamam a atenção para duas características metodológicas que a semântica idealizada por Katz e Fodor compartilha com a maioria dos trabalhos de lingüística moderna: de um lado, o fato de que se atribui à teoria um papel de simulação; de outro o fato de que se exige que a teoria alcance os resultados desejados de maneira puramente formal. Para compreender adequadamente o projeto de Katz e Fodor, e avaliar as sugestões que se fazem no sentido de sua execução, convém que examinemos esses pontos um pouco mais de perto.

1.2.1. Simulação e predição

Os lingüistas modernos, e em particular os gerativistas, propõem-se normalmente objetivos mais ambiciosos do que registrar de maneira compacta as regularidades observadas num elenco de orações atestadas; adotando uma perspectiva distinta da de seus predecessores estruturalistas, propõem-se caracterizar disposições dos falantes, ou seja, prever que comportamentos se devem esperar dos falantes quando estes são colocados diante de dados de um tipo particular.

A sintaxe moderna oferece um exemplo particularmente claro desse procedimento: seu objeto de análise é o fato de que todo falante nativo de uma língua é capaz de distinguir as seqüências de palavras que constituem orações das que não constituem orações; dito de outra maneira, o objeto de análise da sintaxe são os juízos de gramaticalidade que os falantes emitem de maneira espontânea e com grande coerência. Para emitir juízos de gramaticalidade, o falante mobiliza, evidentemente, capacidades que fazem parte de seu equipamento mental num momento dado. Uma diretriz possível da investigação sintática consistiria em explicar os juízos de gramaticalidade dos falantes por meio de hipóteses sobre os processos que efetivamente ocorrem em sua mente. Entretanto, os sintaticistas modernos são praticamente unânimes em não tomar hipóteses psicológicas como base para sua elaboração teórica: o equipamento mental envolvido no comportamento lingüístico efetivo é metaforicamente comparado a uma misteriosa "caixa preta", um dispositivo que recebe e processa objetos. A caixa-preta tem um funcionamento interno regular, a tal ponto que os objetos recebidos à entrada determinam de maneira absoluta que resultados aparecerão à saída; mas sua estrutura interna é indecifrável. Ao sintaticista, que procura desvendar o mistério da competência sintática dos falantes, abre-se então a alternativa de construir dispositivos artificiais que, sob os aspectos em questão, se comportem exatamente como os falantes - dispositivos que caracterizem como bem formadas todas e

apenas aquelas seqüências de palavras que os falantes considerariam orações da língua. Parece evidente que nessa perspectiva não faz sentido perguntar pela "essência" dos fenômenos sintáticos: dispositivos com estrutura interna diferente podem revelar-se igualmente adequados e, por essa razão, seu valor como evidência psicológica é bastante precário.

Para evitar equívocos desnecessários, convém que toda a proposta de Katz e Fodor (1963) seja vista nessa perspectiva de simulação, mais habitual em trabalhos de sintaxe. O objeto próprio da análise semântica é a "habilidade para interpretar orações", um conjunto de capacidades que dizem respeito, como vimos, à detecção de ambigüidades e anomalias e ao estabelecimento de relações de paráfrase. Katz e Fodor afastam qualquer propósito de fundamentar psicologicamente o comportamento semântico dos falantes, ou de fornecer definições de "significado", ao mesmo tempo que se comprometem a esboçar as grandes linhas de um dispositivo artificial capaz de prever corretamente o comportamento de um falante ideal, no tocante à "habilidade para interpretar orações".

1.2.2. Exigência de um caráter formal para o dispositivo que simula a "habilidade para interpretar orações"

Outro traço importante da semântica que Katz e Fodor preconizam é o seu caráter puramente formal ou, dito de outra maneira, o fato de que as características (de anomalia ou ambigüidade) que se pretende atribuir às orações, e as relações (de paráfrase) que se pretende estabelecer entre elas devem ser obtidas como o resultado de um cálculo.

Segundo o lógico Rudolf Carnap, as expressões simbólicas tornam-se elementos de um cálculo toda vez que operamos com elas obedecendo a regras que não levam em conta o seu significado, mas tão somente a maneira como são constituídas em sua face significante. O procedimento pelo qual efetuamos desde a infância as operações aritméticas mais elementares é um cálculo: ao invés de operar diretamente com conteúdos (no caso: grandezas, números), manipulamos basicamente os algarismos que exprimem esses mesmos números (significantes), obedecendo a regras que levam sobretudo em conta a posição desses mesmos algarismos. Outro exemplo de cálculo, provavelmente mais semelhante ao que Katz e Fodor propõem, é a conhecida prova "dos nove": dada uma sentença matemática do tipo " $4.132 \times 13 = 51.999$ ", a "prova dos nove" permite-nos constatar que é falsa pela simples consideração de certas características dos significantes envolvidos na construção desse sentença, sem lançar mão das propriedades aritméticas dos números envolvidos.

É próprio da apresentação correta de um cálculo distinguir com precisão entre dados iniciais e processamento propriamente dito. Nosso artigo (que indicamos daqui em diante pela sigla SST) distingue claramente esses dois aspectos. Tomam-se como dados iniciais:

- a) a(s) descriçõ(es) sintática(s) que a oração admite;
- b) informações sobre o vocabulário da oração, supridas por um componen

te semântico específico, chamado "dicionário"; quanto ao processamento, faz-se segundo regras - as chamadas "regras de projeção" - que em seu conjunto constituem mais um componente especificamente semântico.

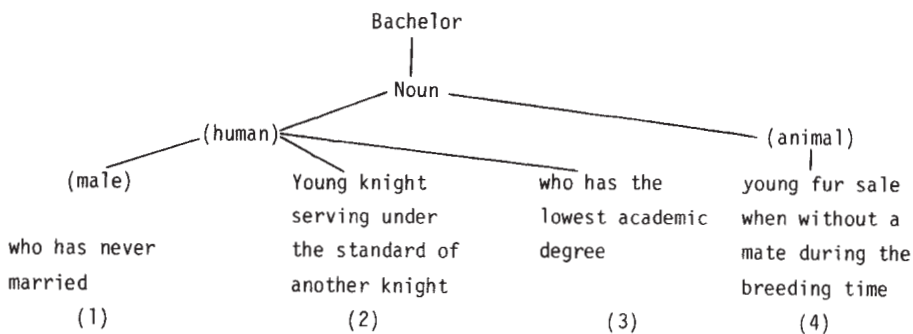
2. Estrutura de uma teoria semântica

Examinaremos sucessivamente os dois componentes semânticos típicos de uma teoria concebida segundo SST, o dicionário e as regras de projeção. O papel que é desempenhado na interpretação pelas estruturas sintáticas fica indiretamente esclarecido pelo exame das regras de projeção.

2.1. O componente "dicionário"

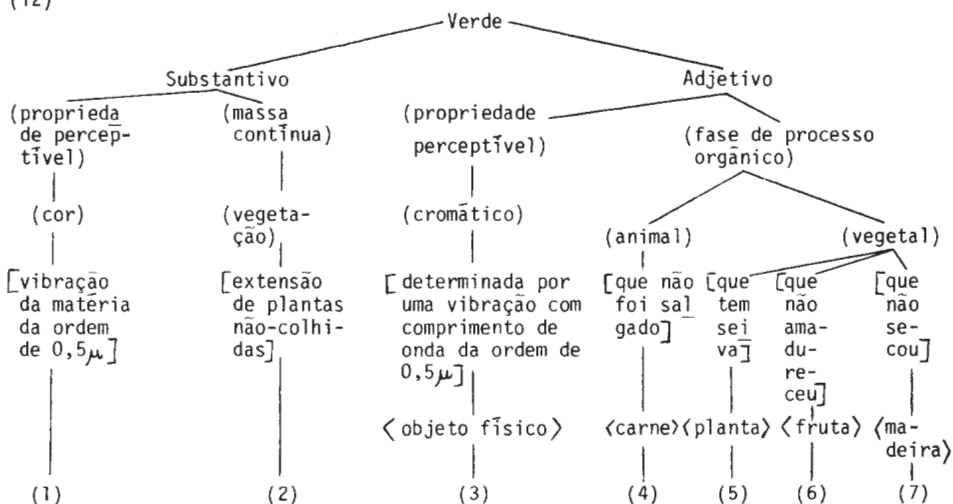
O dicionário de Katz e Fodor é, como os dicionários tradicionais, uma lista que apresenta de forma ordenada todas as unidades significativas da língua, acompanhadas de uma elucidação sobre seu significado. A principal diferença consiste na maneira como é organizado internamente cada item: qualquer dicionário tradicional registra lado a lado informações de tipo variado; lado a lado podem aparecer: a) dados morfossintáticos (por exemplo a inclusão da palavra numa das tantas classes de palavras); b) pronúncia; c) dados de natureza etimológica e cronologia dos empregos atestados; d) informações sobre o sentido na forma de definições; e) informações sobre o sentido, dadas na forma de sinônimos; f) exemplos. Segundo SST, somente os dados a) e d) são realmente relevantes; os demais são rejeitados, ou como dispensáveis numa descrição sincrônica ou como redundantes.

Por outro lado, Katz e Fodor introduzem uma modificação na maneira como os dados relevantes devem ser organizados e apresentados, e desenvolvem para isso diagramas em árvore de um tipo peculiar. O exemplo dado por SST refere-se à palavra Bachelor e é o seguinte:



Sobre o exemplo de Bachelor construímos esta entrada lexical para o nome português Verde:

(12)



Em árvores como (11) e (12), um traçado ou caminho completo (desde a raiz da árvore até cada um dos nós terminais) representa uma acepção ou sentido da palavra.

A palavra é ambígua quando comporta mais de um caminho: Bachelor é 4 vezes ambígua, já que tem 4 caminhos; Verde, em nossa representação, é 7 vezes ambígua; os sete sentidos em questão são exemplificados, na ordem, pelas orações (13)-(19):

- (13) O verde é obtido pela combinação do amarelo e do azul
- (14) Em outros termos, houve muito verde em volta de São Paulo
- (15) A capa do caderno é verde
- (16) A venda de carne verde é controlada na entressafra
- (17) O cajueiro continua verde, apesar da seca
- (18) Não coma esse caqui tão amarelo: ele ainda está verde
- (19) Essa porta vai empenar: foi feita de pinho verde.

Em representações como (11) e (12) registram-se símbolos de quatro tipos distintos: 1) os nomes das categorias gramaticais a que pertence a palavra em epígrafe (Verde é ora um substantivo, ora um adjetivo); 2) "marcas semânticas" (entre parênteses comuns); 3) "diferenciadores" (entre colchetes); 4) restrições seletivas (entre parênteses angulares). As "marcas semânticas", "diferenciadores" e "restrições seletivas" correspondem a tipos diferentes de informações que a teoria semântica associa com a palavra em questão. Tanto as marcas semânticas quanto os diferenciadores dizem respeito ao sentido da palavra. Diferem porque as primeiras são compartilhadas por vários itens lexicais, ao passo que os segundos constam unicamente do item em

questão. Quanto às restrições seletivas, informam em que contextos se realizam os vários sentidos da palavra: verde só assume o sentido de "não salgado" quando aplicado a uma palavra que tenha o traço '(carne)' entre seus componentes; assume o sentido de "não-maduro" quando aplicado a uma palavra que tenha a marca '(fruta)', etc.

Ao cabo de sua exposição sobre o componente dicionário, Katz e Fodor lembram que a teoria semântica permite avaliar qual de duas entradas lexicais deve ser considerada a melhor, mas não fornece meios para descobrir entradas lexicais: não há um procedimento mecânico que forneça entradas lexicais válidas: estas devem ser pacientemente formuladas, como hipóteses do lingüista que reflete sobre a língua em estudo.

2.2. O componente "regras de projeção"

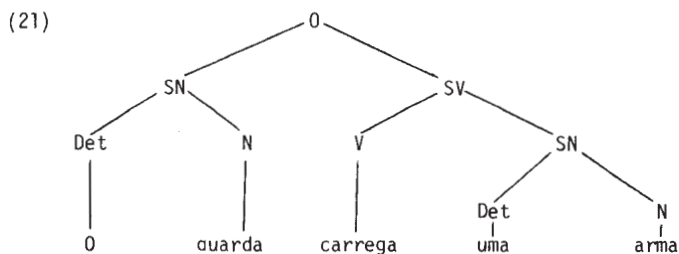
As regras de projeção dinamizam as informações fornecidas pelo dicionário. Sua aplicação permite determinar a interpretação das orações a partir do sentido de seus elementos constituintes, precisando por outro lado o modo como se desfazem no contexto da oração ambigüidades detectadas no nível da palavra.

Na aplicação das regras de projeção podem-se distinguir três etapas:

a) numa primeira etapa, associam-se a cada uma das palavras que constituem a oração os sentidos previstos pelo dicionário para a palavra, e que sejam compatíveis com o papel gramatical que a descrição sintática associa à palavra no contexto da oração. Por exemplo, na oração

(20) O guarda carrega uma arma,

descrita pelo indicador sintagmático



retêm-se para guarda e arma (que desempenham sintaticamente o papel de nomes) somente os sentidos que essas palavras têm como substantivos, excluindo-se ao contrário os sentidos que assumiriam como vozes dos verbos guardar e armar.

b) Numa segunda etapa, a da aplicação propriamente dita das regras de projeção, percorre-se o indicador sintagmático em ordem inversa à da expansão sintática, realizando operações de amalgama. As operações de amalgama derivam o significado de uma expressão complexa, correspondente a um nó sintático dominante, a partir dos significados das expressões constituintes. Por exemplo, em (21) realizam-se quatro operações de amalgama:

- Dos significados de (uma)_{Det} e de (arma)_N dando origem ao significado

de (uma arma)_{SN};

- Dos significados de (carrega)_V e (uma arma)_{SN}, dando origem ao significado de (carrega uma arma)_{SV};
- dos significados de (o)_{Det} e de (guarda)_N, dando origem ao significado de (o guarda)_{SN};
- dos significados de (o guarda)_{SN} e (carrega uma arma)_{SV} dando origem ao significado de (o guarda carrega uma arma)_O.

Vimos que cada sentido para uma expressão do vocabulário correspondia a um caminho numa árvore como (12) ou, o que dá no mesmo, a um conjunto de traços parcialmente ordenados: as marcas semânticas precedem os diferenciadores, que por sua vez vem antes das restrições seletivas. A operação de amálgama leva, substancialmente, a reunir dois conjuntos de traços num novo conjunto, respeitadas certas disposições quanto à ordem, e descartando-se as restrições seletivas cujo papel está superado. É evidente que, ao cabo de sucessivas operações de amálgama, o significado global de uma oração será representado por um "conjuntão" parcialmente ordenado, de traços.

Todo esse processo baseia-se, evidentemente, na suposição de que a interpretação das orações tem um suporte confiável na análise da oração em constituintes imediatos. Chama-se a atenção, de passagem, para esse aspecto, que é um dos mais característicos de SST, e ao mesmo tempo um dos pontos cruciais para sua análise crítica.

c) A terceira etapa de aplicação das regras de projeção consiste, de fato, numa avaliação dos resultados obtidos no decorrer do processo de amalgamações sucessivas: para esses resultados, o papel das restrições seletivas é determinante.

Condição necessária para que a operação de amálgama possa realizar-se é que as restrições seletivas indicadas no traçado que representa o sentido de um dos constituintes sujeito ao amálgama sejam satisfeitas (isto é: estejam representadas) no caminho que representa o sentido do outro constituinte a ser amalgamado. Dito de outra maneira, para que os sentidos de duas expressões que ocorrem na mesma construção sintática sejam compatíveis, é preciso que as restrições seletivas incluídas no traçado que representa o primeiro reapareçam na forma de marcas semânticas no traçado que representa o segundo e vice-versa.

Essa condição dá conta, por exemplo, do fato de que na interpretação de

(22) Uma nota aguda

são admissíveis sentidos como "som musical de alta frequência" e "observação perspicaz", mas não "som musical perspicaz" e "observação de alta frequência"; analogamente, explica-se a anomalia semântica de

(23) a. incerteza cardíaca

b. madrugada reacionária.

O processo de amálgama pode, em suma, interromper-se em qualquer um dos nós pré-fixados pelo esquema da sintaxe. E isto é fundamental para a avaliação das orações na última etapa de aplicação das regras de projeção. Com efeito, se, dada uma oração, uma

descrição sintática e uma descrição do léxico associado, se observa que não é possível remontar até o símbolo inicial por meio de operações de amálgama, a oração deverá ser marcada anômala (isto é: sem nenhuma interpretação possível) naquela descrição gramatical; por outro lado, considerando todas as interpretações semânticas possíveis para todas as descrições sintáticas da oração, dir-se-á que a oração é

- anômala: se o número de interpretações for zero;
- unívoca: se o número de interpretações for exatamente igual a um;
- n vezes ambígua: se o número de interpretações for igual a n ($n \geq 2$).

As regras de projeção que SST formula explicitamente são ao todo quatro, e servem para amalgamar expressões que estejam, respectivamente, nas seguintes relações sintáticas: 1) adjunto-núcleo; 2) determinante-núcleo; 3) verbo-objeto; 4) predicado-sujeito. A essas quatro regras, Katz e Fodor chamam "regras de projeção do primeiro tipo" ou RP-1.

Os processos sintáticos a que dizem respeito as RP-1 são importantes (alguns deles são indispensáveis na derivação de qualquer oração bem formada); contudo, esses mesmos processos dão origem a uma classe de orações de tipo muito simples, da qual ficam excluídas 1) orações complexas (ou seja, períodos formados por coordenação ou encaixamento a partir de duas ou mais orações simples); 2) orações interrogativas, negativas, etc. Expressando essa observação nos termos da teoria sintática que tomam por base, Katz e Fodor constataam que as RP-1 constituem o correlato semântico dos processos inerentes às orações ditas nucleares, mas não têm nada a ver com os processos sintáticos que intervêm especificamente na construção de orações derivadas. Por essa razão, Katz e Fodor conjecturam lançar mão de um segundo tipo de regras de projeção: as RP-2, que se aplicariam a orações não-nucleares, isto é, orações para cujo engendramento se exigem transformações opcionais. As RP-2 forneceriam um correlato semântico às transformações pelas quais se passa a) da estrutura subjacente a uma oração nuclear, para uma oração negativa, interrogativa, imperativa ou passiva; b) das estruturas subjacentes a duas ou mais orações nucleares distintas para a estrutura subjacente a um período composto por coordenação ou subordinação.

SST não chega a formular explicitamente nenhuma RP-2: a principal razão parece ser o fato de que Katz e Fodor antevêm a possibilidade de dispensar cabalmente o uso desse tipo de regras. Essa possibilidade parece mais palpável nos parágrafos finais de SST, na medida em que os autores relegam para segundo plano a questão da interpretação semântica dos períodos compostos por coordenação e subordinação, e aventam a possibilidade de generalizar a toda e qualquer transformação - inclusive as que dão origem a orações negativas, interrogativas, imperativas e passivas - a condição de não alterarem o sentido.

3. Problemas

Por um longo período depois de sua publicação, "Structure of a

Semantic Theory" constituiu um ponto de referência obrigatório dos debates sobre semântica entre lingüistas. Para aquilatar essa importância, basta lembrar que o texto passou por várias reedições em antologias (ver a Bibliografia) e por várias traduções (há, inclusive, uma versão portuguesa que pode ser lida na antologia A Semântica na Lingüística Moderna - o Léxico, organizada para a Ed. Vozes pela Profa. Maria Lúcia Pinheiro Lobato); são inúmeros os trabalhos de apreciação crítica (vejam-se, entre outros, Bolinger (1965), Weinreich(1965), Bonomi & Usberti (1971)).

É evidente que a apreciação global de um texto historicamente tão importante fica excluída dos propósitos desta exposição. Nos parágrafos que seguem, tentar-se-á tão somente extrair da bibliografia que foi suscitada por SST alguns temas de debate, organizando-os num roteiro. Parece correto presumir que a discussão desses temas vale, indiretamente, por uma tomada de posição a respeito de questões semânticas fundamentais.

Para maior clareza, relacionarei as objeções e dúvidas sobre SST a três perguntas gerais:

(1) em que pontos as propostas do texto são insuficientemente justificadas ou dão margem a controvérsia? - é importante levantar esses pontos: a tentativa de levar às últimas consequências propostas à primeira vista óbvias costuma chamar a atenção para problemas surpreendentemente sérios;

(2) uma teoria semântica construída segundo SST tem condições de satisfazer seus próprios objetivos? Satisfaz igualmente bem todos esses objetivos?

(3) o conjunto de fatos que uma teoria segundo SST pretende simular é suficientemente representativo do conjunto de habilidades que qualificamos habitualmente como semânticas numa discussão não-teórica?

Cada uma das perguntas acima corresponde a uma secção nas páginas que seguem.

3.1. Pontos a esclarecer

3.1.1. Os traços semânticos

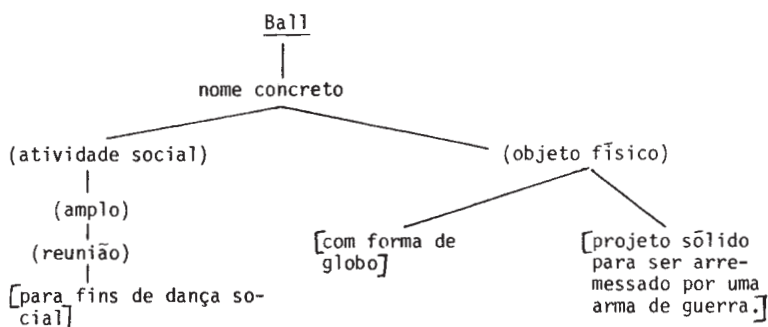
As peças com que se constroem as entradas lexicais de SST são marcas semânticas e diferenciadores, ou seja, "traços", "componentes da significação".

O recurso a esses componentes, em 1963, tinha um precedente ilustre e relativamente recente na análise dos fonemas em traços, e vinha sendo aplicado com relativo sucesso nas pesquisas antropológicas sobre terminologias de parentesco.

Como no caso dos traços fonológicos, coloca-se o problema de encontrar para cada um dos traços semânticos um correlato empírico. De que natureza é esse correlato? Quando tenta rastrear em SST os elementos para uma resposta, o leitor depara com a afirmação de que os traços desempenham o mesmo papel que as definições e listas de sinônimos dos dicionários correntes. Essa afirmação é desconcertante porque é sabido de longa data que as definições dos dicionários - da mesma forma que as regras das gramáticas tradicionais - se propõem a fornecer pistas para a prática do falante, não a descrever teoricamente sua competência. Assim caracterizada, a língua

gem dos traços vale no máximo por uma estenografia, uma notação pró-memória que se revela útil ao semanticista para registrar suas intuições, mas incorpora as mesmas vaquezas, ambigüidade e incorreções que deveria, precisamente, contribuir para dominar (uma crítica muito precisa é formulada neste sentido por Lewis 1971).

Uma das causas de indeterminação dos traços é que se atribuem ao conjunto das marcas semânticas expressões que desempenham papéis logicamente distintos. Veja-se a caracterização semântica proposta por SST para a palavra inglesa Ball (bale, bola ou bala): considerem-se mais precisamente os traços '(objeto físico)', '(reunião social)' e '(amplo)':



(a) Tanto "objeto físico" quanto "reunião" desempenham nesse diagrama o papel de marcas semânticas (o que é indicado, segundo a convenção já mencionada, por sua colocação entre parênteses comuns). Seria de esperar que elucidassem a significação de Ball da mesma maneira, mas isto não é verdade. A diferença entre "objeto físico" e "reunião" torna-se visível quando se recua um pouco na história derivacional de "reunião": trata-se de um típico substantivo deverbal, isto é, derivado de um verbo por um processo de nominalização. O verbo em questão é reunir-se.

Sobre as orações com reunir-se, pesam algumas restrições precisas, que convém examinar de perto: 1) não faz sentido dizer "O operário reuniu-se", mas pode-se dizer "Os operários reuniram-se": isto parece sugerir a necessidade de um sujeito plural; 2) mas a restrição não é quanto ao número gramatical do sujeito: não só reunir-se dá origem a orações bem formadas com sujeito no singular (por ex. "A comissão reuniu-se"), mas é fácil perceber que "Os operários se reuniram" não é uma boa abreviação para "Fulano é um operário e reuniu-se e Beltrano é um operário e reuniu-se e Sicrano é um operário e reuniu-se e...", o que marca uma diferença radical com uma frase autenticamente plural como "Os jogadores cantaram o Hino Nacional", que pode ser tomada como uma abreviação para "Fulano é um jogador e cantou o Hino Nacional; Beltrano é um jogador e cantou o Hino Nacional; Sicrano é um jogador e cantou o Hino Nacional, etc."; 3) embora "O operário reuniu-se" seja anômala, "O operário reuniu-se com seu advogado" não é, e isto mostra que reunir-se só dá origem a orações dotadas de sentido quando faz referência a situações que envolvam ao mesmo tempo dois ou mais indivíduos.

Para resumir essas observações podemos utilizar um termo de procedência lógica e dizer que reunir-se é um verbo de relação, ou ainda, exprime um predicado de dois lugares. Essa característica transfere-se, naturalmente, para seu derivado reunião.

Ao contrário de "reunião", "objeto físico", aplica-se a objetos tomados individualmente. É claro que podemos dizer "Meu isqueiro e meu cachimbo são objetos físicos", mas esta é somente uma abreviação de "Meu isqueiro é um objeto físico e meu cachimbo é um objeto físico". Aqui também o vocabulário lógico nos proporciona uma expressão exata: "objeto físico" exprime uma propriedade ou, se quisermos, constitui um predicado de um só lugar.

(b) A homogeneidade das marcas semânticas é prejudicada em SST também por outra dificuldade, que podemos exemplificar opondo "Objeto físico" a "amplo": enquanto "Objeto físico" exprime uma característica que os objetos detêm em termos absolutos (digamos: a característica de ocupar lugar no espaço e de durar no tempo), "Amplu" exprime uma característica que sõ pode ser traduzida em termos absolutos ao cabo de uma operação de comparação/avaliação: uma mansão (em oposição a um barraco) é ampla quando referida às dimensões médias das construções civis que se destinam a ser habitadas; um panorama (em oposição a uma vista) é amplo quando referido às dimensões médias das paisagens que o olhar humano pode abarcar. Tudo isso chama nossa atenção para o fato de que a marca "(Amplo)" tem um conteúdo invariante muito mais abstrato do que poderia parecer à primeira vista, a saber, a idêia de que as palavras em cuja descrição aparece a marca "(Amplo)" indicam posição elevada numa determinada escala, em comparação com outros objetos de gênero semelhante. No caso específico da entrada de Ball (baile), a presença da marca "(Amplo)", significa que um baile, em oposição por exemplo a uma brincadeira dançante, é uma atividade-social-envolvendo-reunião-para-fins-de-dança que, em oposição a outras atividades-sociais-envolvendo-reunião-para-fins-de-dança, se situa em posição elevada em relação ao parâmetro da dimensão horizontal. É evidente que, para compreender o sentido da marca "(Amplo)" se tornou indispensável o exame dos demais traços que a entrada da palavra registra no mesmo "caminho". A necessidade de um tal exame, específica de "(Amplo)", justifica que se atribua "(Amplo)" e "(Objeto físico)" a duas classes separadas.

Tudo isto lembra-nos que hã muito a investigar na "linguagem dos traços" (que Katz e Fodor não propõem ao contrário como dotada de uma interpretação obvia); a este propósito, releve lembrar que muitos aspectos da linguagem dos traços podem ser explorados em profundidade a partir de observações de dois autores que trataram minuciosamente de SST: Uriel Weinreich e Manfred Bierwisch: trata-se, de um lado, da constatação de que os traços semânticos têm um papel análogo ao dos predicados da lógica elementar; de outro, da constatação de que é necessário classificá-los em vãrias categorias, de acordo com o número de papéis ou argumentos que se lhes associam, e do tipo de informação que veiculam.

3.1.2. A configuração das entradas lexicais

Muitas críticas têm sido dirigidas ao tipo de configuração que SST propõe para as entradas lexicais, tomando como alvo privilegiado o exemplo de Bachelor. Dois problemas foram principalmente levantados: a) quanto à distinção entre marcas semânticas e diferenciadores; b) quanto à natureza e ao papel das informações veiculadas pelas restrições seletivas.

a) A necessidade de diagramar novamente a entrada de Bachelor é sustentada com minúcia por D. Bolinger (1965), que exige para a palavra em questão uma descrição mais rica e articulada. Eis alguns exemplos de alterações sugeridas por Bolinger: na oração

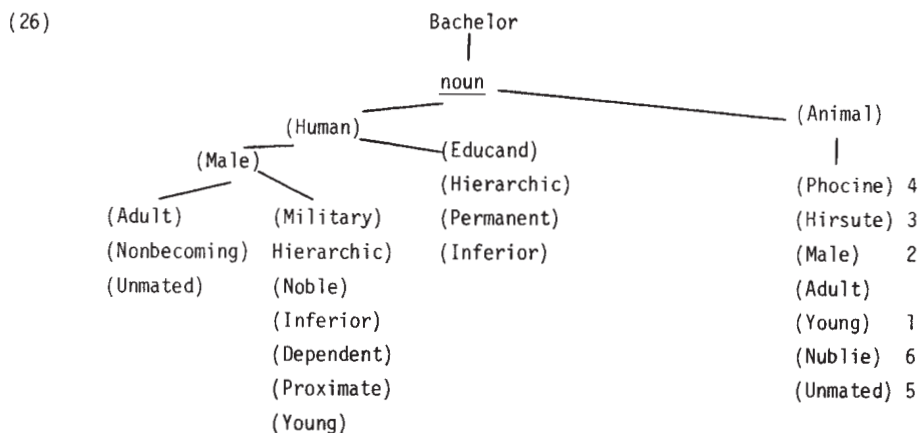
(24) This sixteen years boy is a bachelor

a presença da palavra boy é razão para que descartemos a leitura de bachelor=foca. Esse fato é previsível no quadro (11), devido à presença da marca semântica "(Animal)" no caminho correspondente ao sentido nº 4. Bolinger chama a atenção para o fato de que as informações de idade veiculadas por sixteen years old levam a excluir o sentido do bachelor = solteiro; para dar conta desse fato, propõe que se inclua no caminho (1) da entrada lexical de Bachelor a marca semântica "(Adulto)".

Para dar conta do fato de que na oração

(25) At the age of 25 he ceased to be a bachelor but he never married

fica excluída a leitura bachelor = bacharel, Bolinger introduz no caminho (3) do quadro (11) a marca "(Permanente)". Acumulando alterações desse tipo, Bolinger chega finalmente a um novo diagrama, (26); no diagrama (26) não há diferenciadores; todas as informações que eram transmitidas por diferenciadores em (11) são agora formuladas como marcas semânticas:



b) O papel que Katz e Fodor reservam às restrições seletivas é unicamente de bloqueio: reconstitui-se o fato de que algumas combinações de palavras não fazem sentido, mostrando a propósito dessas combinações que as restrições introduzidas por um constituinte não são satisfeitas pelo outro. Por exemplo, basta que a entrada lexical de pilotar inclua as restrições < Sujeito: (concreto) > , < Objeto: (Objeto material) > , e que as entradas lexicais de sinceridade e degelo tenham respectivamente as marcas "(abstrato)" e "(processo)" para que se torne possível calcular formalmente a anomalia de

(27) A sinceridade pilota o degelo

Sob esse aspecto, o papel das restrições seletivas parece justificado. Todavia, dando-se uma atenção excessiva ao papel das restrições seletivas no bloqueio de anomalias de sentido, perde-se de vista outro fenômeno importante em que estão também envolvidas. Ao interpretar a oração

(28) J.G. está pilotando o X-9

compreendemos que está em jogo uma ação consciente, realizada por um ser humano, a bordo de um veículo mais ou menos sofisticado (avião, barco, carro de corrida). Essas informações não nos são dadas pelas expressões J.G. e X-9 que, por seu caráter de síglas, são desprovidas de conteúdo semântico. Deve-se portanto admitir que as restrições seletivas do verbo pilota contaminaram de algum modo o sujeito e o objeto da oração.

Ao deparar com fenômenos desse tipo, U. Weinreich propõe que, ao invés de falar em restrições seletivas falemos de preferência em traços transferíveis: a anomalia de (27) deixa de ser explicada como um bloqueio: mostra-se ao contrário que, com a transferência de traços, o sujeito e o objeto de (27) passariam a indicar entidades contraditórias.

A observação de Weinreich é oportuna, e chama nossa atenção para as alterações que o sentido das expressões sofre por efeito do contexto. Eis um exemplo um tanto diferente de modificação do sentido pelo contexto: dadas as orações

(29) Felisbello correu

(30) Felisbello traçou um círculo

(31) Felisbello alcançou o topo da montanha

faz sentido perguntar

(32) Por quanto tempo Felisbello correu?

(33) Quanto tempo levou Felisbello para traçar o círculo/alcançar o topo?

Ao contrário, as perguntas "Quanto tempo levou Felisbello para correr?" e "Por quanto

tempo Felisbelo alcançou o topo/traçou o círculo?" seriam descabidas. Tomando-se como critério as perguntas permitidas, precisaríamos repartir os predicados correr, traçar um círculo, alcançar o topo da montanha (e outros, como nadar, confessar-se, formar-se;) em dois grupos:

A: correr

B: traçar um círculo, alcançar o topo da montanha

Hã, porẽm, entre os dois verbos do grupo B uma importante diferença: se alguẽm levou desde as 7 atẽ as 8 para traçar um círculo, pode-se concluir que a todo momento entre 7 e 8 horas estava traçando um círculo; se alguẽm levou das 7 às 8 horas para alcançar o topo de uma montanha nã se pode concluir que a todo momento entre 7 e 8 horas estivesse alcançando o topo da montanha. Por isso parece apropriado dividir os predicados do grupo B em dois sub-grupos:

B-1: traçar um círculo

B-2: alcançar o topo da montanha.

Cabe agora observar que o verbo correr atua nas orações (34) e (35) como um verbo do grupo B-1 ou B-2: respectivamente.

(34) Felinto correu os cem metros (contexto: enquanto os outros faziam aquecimento)

(35) Felinto correu os cem metros em 12 segundos (contexto: depois de treinar 17 meses).

A explicaçã para as diferenças de comportamento de correr reside obviamente nos complementos e adjuntos que o acompanham; e diante disso uma teoria construída segundo SST depara com um impasse: ou apresentar os vários sentidos de correr como caminhos distintos de uma mesma entrada lexical (as ocorrências de correr em (29),(34) e (35) seriam entã vistas como homônimas, o que é contra-intuitivo) ou escolher arbitrariamente um dos sentidos como fundamental, derivando dele todos os demais. O problema desta segunda alternativa é técnico: nã há nada em SST que permita introduzir nos amálgamas marcas semânticas que nã estivessem incluídas anteriormente na descriçã semântica dos constituintes.

3.1.3. Regras de projeçã

Vimos anteriormente que SST distingue quatro regras de projeçã, as sociadas respectivamente às relações nome-adjetivo, determinante-nome, verbo-objeto e sujeito-predicado. Um exame comparativo mostra que as quatro regras são muito semelhantes entre si e que, apesar de se aplicarem a relações sintáticas distintas, produzem resultados indiferenciados.

Um exemplo de fórmula para cuja construçã concorrem as quatro regras

de projeção de SST é (36), que os autores propõem como contrapartida formal da oração (37):

(36) [Some contextually definite] → (Physical Object) → (Human) → (Male) → (Action) → (Instancy) → (Intensity) → [Collides with an impact] → [Some contextually definite] → (Physical Object) → (Color) → (Abounding in contrast or variety of bright colors) → [Having a globular shape] .

(37) The man hits the colorful ball.

Vê-se através do exemplo (36) que as fórmulas obtidas pela aplicação das regras de projeção têm uma estrutura interna pobre, praticamente limitada à concatenação numa ordem determinada de marcas semânticas e diferenciadores.

A falta de articulação interna das fórmulas que resultam da aplicação das regras de projeção tem várias consequências negativas, dentre as quais aponto duas a título de exemplo:

(a) A menos que recorramos ao nosso conhecimento do sentido das expressões que ocorrem como traços, perdemos por completo a possibilidade de reconhecer no interior dessas fórmulas a contribuição específica de cada constituinte da oração. Isto é grave, porque muitos processos semânticos afetam constituintes específicos. É o caso da negação em

(38) Leônidas não jogou no final do campeonato.

Nessa oração, o advérbio não pode aplicar-se ao verbo ou ao adjunto, dando origem a interpretações distintas. Se o verbo e o adjunto se tornam irreconhecíveis quando o sentido da oração é representado por fórmulas como (36), torna-se completamente impossível representar de maneira adequada o papel da negação e outros processos.

(b) é impossível distinguir tipos de oração com base na natureza do verbo: quer dizer que, embora haja dois sentidos da oração

(39) O Conselho Econômico constitui uma comissão de alto nível que trata de preços,

relacionadas à interpretação de constitui ora como verbo transitivo, ora como verbo de ligação, as fórmulas correspondentes se distinguem no máximo quanto aos traços envolvidos, mas não à sua organização.

3.2. "Structure of a Semantic Theory" em face de seus próprios objetivos

Vimos no § 1.1., "Definição de competência semântica", que uma teoria construída segundo as diretrizes de SST deveria ser capaz de simular nossa "capacidade de interpretar orações", ou seja:

- a) de detectar anomalias não-sintáticas;
- b) de apontar ambigüidades, distinguindo e enumerando as interpretações possíveis de uma oração;
- c) de resolver ambigüidades de palavras no contexto da oração;
- d) de estabelecer relações de paráfrase.

Fica claro no desenvolvimento do artigo que os autores privilegiam a questão da desambigüização, deixando os outros problemas em segundo plano. Ora, é possível apontar, em conexão com as questões b) e sobretudo d), fatos que uma teoria construída segundo SST é intrinsecamente incapaz de abarcar.

3.2.1. Problemas com a relação de paráfrase

Katz e Fodor entendem a relação de paráfrase como uma relação que pode estabelecer-se entre orações de maneira mais ou menos forte. Distinguem por isso vários graus de paráfrase parcial de um grau de paráfrase total.

É difícil entender o que seja e como deva ser representada formalmente a paráfrase parcial (quantas marcas semânticas devem ter em comum duas fórmulas para que as orações correspondentes possam ser consideradas parcialmente sinônimas?); mas parece claro que a contrapartida formal da paráfrase completa é a identidade total das fórmulas de traços que se obtêm para as duas orações ao cabo de sucessivos amálgamas. Como se pode constatar facilmente, essa identidade só é obtida no caso de as orações de amálgama se fizerem, para as duas orações em questão, segundo roteiros sintáticos fortemente semelhantes. Assim, em última análise, uma teoria segundo SST leva naturalmente a encarar como sinônimas orações que tenham uma estrutura sintática semelhante, e cujos constituintes apresentam, tomados isoladamente, a mesma configuração em traços. Exemplos típicos dessa situação são os pares (40) e (41):

- (40a) O oftalmologista fechou a porta do consultório
- (40b) O médico de vista fechou a porta do consultório
- (41a) Um oftalmologista me atendeu
- (41b) Um médico de vista me atendeu.

Cabe observar que, a despeito do que sugerem os exemplos (40) e (41) (em que se realizam as condições sintáticas acima descritas, e há, de fato, sinonímia) a ligação que os autores estabelecem é duplamente inadequada.

(a) Em primeiro lugar, leva a supor que somente possam ser sinônimas orações que tenham a mesma estrutura sintática superficial, o que é incorreto: parece claro que nos pares (42) e (43) há sinonímia, mesmo que esses pares atribuam às expressões papéis sintáticos diferentes:

- (42a) O marceneiro é colega do carpinteiro

(42b) O carpinteiro é colega do marceneiro

(43a) José vendeu a casa a Pedro

(43b) Pedro comprou a casa de José

(b) Por outro lado, sugere-se que duas orações que se distingam apenas pela presença de expressões "sinônimas" (nos mesmos papéis sintáticos) são também sinônimas, ou, dito de outra maneira, que duas expressões a que esteja associada a mesma configuração de traços são sempre intercambiáveis no interior de uma oração, sem afetar o sentido desta última. De fato, há casos em que isto acontece, como mostram os pares (40) e (41), em que os substantivos oftalmologista e médico de vista alternam nos contextos "O... fechou a porta do consultório" e "Um... me atendeu"; mas a regra não vale de maneira geral: é pelo menos duvidoso que as orações (44a) e (44b) sejam equivalentes); as orações que formam par em (45)-(47) certamente não o são:

(44) a. Pedro faz-se passar por oftalmologista

b. Pedro faz-se passar por médico de vista

(Suponhamos que Pedro é um cidadão não-habilitado para o exercício da medicina: ele abriu uma clínica de olhos muito concorrida e anuncia seus serviços através da estação de rádio local, mediante um jingle que diz "Pedro F. é oftalmologista; todos os outros não passam de médicos de vista". (44a) e (44b) são relatos igualmente fiéis dessa situação?)

(45) a. O fato de que Pedro é famoso como oftalmologista é mais uma razão para crer que as palavras de origem grega estão em voga.

b. O fato de que Pedro é famoso como médico de vista é mais uma razão para crer que as palavras de origem grega estão em voga.

((45a) alude a um argumento real, em favor da frequência das palavras de origem grega; (45b) não cita nenhum fato que sirva de argumento no mesmo sentido).

(46) a. Siga em frente. O Dr. Pedro espera na sala com a placa "Oftalmologistas-Sala 2)

b. Siga em frente. O Dr. Pedro espera na sala com a placa "Médicos de vista-Sala 2".

(Estamos no corredor de um hospital, onde o Dr. Pedro atende na sala identificada pela placa "Oftalmologista-Sala 2": para o paciente que pretende localizá-lo, somente (46a) é uma instrução adequada.)

(47) a. Quem sabe que um médico de vista é um médico de vista, sabe que um médico de vista é um oftalmologista.

b. Quem sabe que um médico de vista é um médico de vista, sabe que um médico de vista é um médico de vista.

((47b) é banalmente verdadeira: (47a) é falsa desde que haja pessoas que não sabem que médico de vista e oftalmologista são "sinônimos").

Os exemplos (40)-(41) e (44)-(47) mostram que duas expressões podem ser sinônimas em alguns contextos sem sê-lo em todos. Não há, pois, nenhuma garantia de que as orações que se distinguem apenas pelo uso de sinônimos nas mesmas funções sintáticas sejam sempre equivalentes. Entretanto, uma teoria construída segundo SST associará sempre a essas orações uma mesma configuração de traços, e acabará por prever paráfrase total onde, de fato, não existe.

3.2.2. Detecção de ambigüidades

Da mesma forma que SST exige um paralelismo sintático estreito entre orações, como condição para representar relações de sinonímia, só consegue prever ambigüidades que tenham sua origem em diferenças da estrutura sintática superficial ou em homonímia lexical. Já vimos que um exemplo do primeiro caso é a oração (1); um emplô do segundo é (48), que aproveita uma ambigüidade lexical já comentada:

(1) Pedro recebeu um cartão de Munique

(48) O chanceler emitiu uma nota aguda

Também essa concepção de ambigüidade semântica é limitada. Há ambigüidades que se estabelecem em orações que admitem uma única análise em constituintes, e cujo léxico não é ambíguo: trata-se das chamadas "ambigüidades de escopo", de que (49) e (50) são exemplos clássicos:

(49) Todos os alunos deste colégio estão apaixonados por uma moça.

(50) Todos os livros desta coleção têm na capa um desenho de Tarsila do Amaral.

A oração (49) pode ser usada para afirmar de uma única moça que ela é a paixão de todos os alunos, ou para afirmar que cada um dos alunos tem sua própria paixão. Na primeira interpretação, (49) afirma a existência de uma moça da qual é verdadeiro o predicado "todos os alunos deste colégio gostam de..."; na segunda interpretação, (49) generaliza a todos os alunos do colégio a aplicação do predicado "...gostar de uma moça". A diferença entre as duas interpretações aclara-se quando se opõem entre si as expressões "Todos os alunos deste colégio gostam de..." e "...gostam de uma moça"; cabe porém observar que essas expressões resultam de uma segmentação distinta da que se ria proposta pela análise em constituintes.

Exemplos como (49) e (50) poderiam ser multiplicados a gosto. Têm caráter sistemático e motivam uma objeção que tem sido formulada às vezes como segue: as estruturas sintáticas apontadas por uma gramática sintagmática não têm um papel semântico fixo, e não constituem um ponto de partida confiável para a análise semântica. Os autores que endossam essa dúvida adotam geralmente uma posição inversa à de Katz e

Fodor: ao invés de interpretar semanticamente as configurações produzidas pela descrição sintática das orações da língua, propõem que algum formalismo semântico seja tomado como ponto de partida para o engendramento de orações. Junto com outros traços que não discutiremos aqui, esta é uma das características fundamentais das chamadas "semânticas gerativas".

4. "Structure of a Semantic Theory" e competência semântica

Vamos resumir rapidamente nosso caminho até aqui: 1) fizemos uma rápida exposição de SST mostrando as consequências que resultam de uma elaboração explícita de alguns de seus aspectos; 2) vimos no decorrer dessa exposição que a "competência semântica" se traduz segundo os autores num número limitado de habilidades; 3) procuramos então verificar até que ponto SST fornece meios para que essas habilidades sejam simuladas formalmente, e concluímos que os meios propostos atendem esse objetivo somente de maneira parcial. Esta última conclusão é, por si, suficientemente grave, já que aponta para uma insuficiência técnica do modelo proposto; fica porém em aberto outra questão mais fundamental: se as habilidades que Katz e Fodor levam em consideração (detecção de anomalias, ambigüidades e paráfrases: desambigüização) esgotam o que se poderia legitimamente chamar de "competência semântica", e se se deve restringir a elas o alcance de uma teoria semântica. A esse propósito cabe observar que SST concebe competência semântica de maneira extremamente pobre e redutora, ignorando inclusive uma quantidade enorme de aquisições que, à época de sua publicação, poderiam considerar-se, já, como definitivas. Os parágrafos que seguem apontam algumas dessas contribuições, e sugerem uma concepção mais rica de competência semântica.

4.1. Conteúdos implícitos e conteúdos explícitos

Uma série muito grande de estudos, constituindo uma importante corrente da análise semântica, vem chamando a atenção desde o final do século XIX para o fato de que a comunicação, nas línguas naturais, se processa em diferentes níveis de explicitação. Vejamos alguns exemplos:

(a) Dos dois conteúdos que é possível reconhecer em (51), a saber (52) e (53),

(51) O bandido da luz vermelha volta a atacar

(52) O bandido da luz vermelha atacou no passado

(53) O bandido da luz vermelha reincidiu no ataque

apenas o segundo (isto é: (53)) aparece como objeto de afirmação explícita por parte do locutor e proporciona ao ouvinte uma informação efetiva; o conteúdo (52) não é proposto como informação nova, não é um conteúdo cuja verdade esteja efetivamente em jogo; no máximo, corresponde ao registro de algo que o locutor e o ouvinte conheciam previamente, e que serve de pano de fundo para seu diálogo. É fácil mostrar que os

conteúdos (52) e (53) são de natureza diferente quando se compara (51) com sua negação ("O bandido da luz vermelha não volta a atacar") já que a negação se aplica exclusivamente ao conteúdo (53), deixando intacto (52).

(b) A necessidade de distinguir níveis de interpretação evidencia-se de maneira ainda mais espetacular quando se consideram os valores que as orações assumem em situações concretas. Os dizeres

(54) Cachorro bravo!

numa grade de jardim fazem mais do que informar o leitor sobre a presença de cães; valem no mínimo por uma proibição de entrar; a oração

(55) Jacinto toca violino de ouvido, e durante o curso colegial foi cestinha do torneio estímulo

se for a única de uma carta de referência a respeito de Jacinto, é lida não como uma afirmação a respeito dos dotes musicais e desportivos de Jacinto, mas como um atestado de sua incapacidade para o cargo. Parece justo, nesses casos, distinguir um sentido literal (que não prevalece na situação descrita) e um sentido não-literal, válido situacionalmente. Por que o sentido literal não prevalece, como se passa dele a um sentido situacional, são problemas que uma teoria semântica deve contribuir para esclarecer. Mas para isso é necessário que a teoria semântica reconheça a diferença de níveis.

Em face desses aspectos, SST adota uma posição dificilmente defensável: sugere que as orações das línguas naturais visam apenas a transmitir informações, e que o fazem de maneira explícita e literal.

4.2. A Análise do sentido literal

Admitamos porém que uma teoria semântica, sem confundir a competência semântica com o mero domínio do sentido literal, se limitasse, estrategicamente, a examinar este nível por razões metodológicas: em que aspectos deveria fixar-se uma tal teoria, e qual seria sua organização interna?

As orações de uma língua corrente são instrumentos de que uma comunidade de pessoas se serve para falar a respeito da realidade: identificando pessoas e coisas, atribuindo-lhes propriedades ou relações, fazendo afirmações a seu respeito e comprometendo-se com a verdade dessas afirmações. Saber o que significa uma oração, é reconhecer as condições em que é verdadeira, e identificar corretamente os objetos aos quais faz referência. Por isso, uma teoria semântica só é bem sucedida se fornecer um mecanismo adequado de tradução, ou seja, um dispositivo formal, capaz de associar a cada oração da língua corrente considerada uma oração de outra língua que faça

referência aos mesmos objetos e seja verdadeira exatamente nas mesmas condições.

Para que esse empreendimento tenha chances de êxito, não basta que a "segunda língua" (a "metalinguagem") seja conhecida; exige-se também que ela seja suficientemente articulada e dotada de poder expressivo para captar e reproduzir todos os matizes de sentido da língua sob análise. SST oferece-nos como metalinguagem uma língua cujas expressões menores são marcas semânticas (como '(humano)', '(reunião)', etc. ou diferenciadores (como '[que nunca se casou]'), e cuja sintaxe se reduz ao único processo da concatenação. Já tivemos ocasião de insistir na insuficiente articulação das fórmulas que uma tal metalinguagem é capaz de produzir. Aqui, é apenas o caso de observar que essas insuficiências impediriam uma teoria semântica construída segundo SST de realizar o projeto de descrição que foi esboçado no parágrafo anterior. Se - como acredita o autor deste artigo - o parágrafo anterior contém uma proposta válida, SST revela-se inadequado no nível de análise que elege: o nível literal.

Conclusão.

Nossa discussão de "Structure of a semantic theory" termina aqui. Se pretendêssemos sobretudo uma avaliação, deveríamos dizer que o texto, ao longo dos últimos 18 anos, perdeu muito de sua atualidade, e que suas falhas técnicas e seu caráter redutor apareceram cada vez mais claramente, por contraste com outras publicações surgidas no período. (Vejam-se, por exemplo, os textos publicados nas antologias de Steinberg e Jacobovitz (1971) e Davidson-Harman (1972)).

Para corrigir o caráter negativo dessa impressão, é preciso reconhecer a profunda influência que o texto exerceu, inclusive em escolas que combateram suas propostas. É oportuno lembrar que a maioria das obras produzidas na década de '60 no ambiente gerativo-transformacional constituem prolongamentos de SST e incorporam suas soluções. Entre elas estão Aspects of the Theory of Syntax e An Integrated Theory of Linguistic Descriptions, que são habitualmente tomadas como paradigmas da gramática gerativa-transformacional em sua fase padrão. Como se sabe, essa fase é fortemente marcada pela utilização de dois recursos metodológicos que SST antecipa: 1) a definição de uma "estrutura profunda", em que estariam registradas todas as informações relevantes para a interpretação da oração e 2) a caracterização das transformações como operações que não afetam o sentido.

Lembre-se, além disso, que SST é apenas um momento de uma reflexão que se enriqueceu consideravelmente, e que produziu trabalhos mais sofisticados e completos: constitui, nesse sentido, uma passagem obrigatória para o leitor das obras posteriores de Katz, sobretudo The Philosophy of Language e Semantic Theory.

Por fim, nos debates suscitados por SST há uma riqueza muito grande de problemas e propostas; seria lamentável se essas contribuições fossem pura e simplesmente esquecidas. É, aliás, para introduzi-lo nesses debates, que se propõe ao leitor a bibliografia relacionada a seguir:

BIBLIOGRAFIA:

- BENDIX, E.H. (1966) - Componential Analysis of General Vocabulary (Bloomington, Indiana U.P.).
- BIERWISCH, M. (1970) - "On classifying semantic features", in: Bierwisch & Heidolph (organizadores) - Progress in Linguistics (Haia: Mouton).
- BOLINGER, D. (1965) - "The atomization of meaning", Language 41,555-573.
- BONOMI, A. e G. Usberti (1971) - Sintassi e Semantica nella Grammatica Trasformativale (Milão: Bompiani).
- CHOMSKY, N. (1957) - Syntactic Structure (Haia: Mouton).
- , (1965) - Aspects of the Theory of Syntax (Cambridge, Mass.: MIT Press).
- COLBY, B.N. (1966) - "Ethnographic Semantics: a preliminary survey", Current Anthropology, 7-1.
- DAVIDSON, D. e G. Harman (1972) - The Semantics of Natural Language (Dordrecht: Reidel).
- DUCROT, O. (1977) - Dizer-não dizer, princípios de semântica lingüística (São Paulo: Cultrix).
- FODOR, J. e Katz, J. (1964) - The Structure of Language (Englewood Cliff: Prentice-Hall).
- JAKOBOVITS, L.A. e M. Miron (1967) - Readings in the Psychology of Language (Englewood Cliffs: Prentice-Hall).
- KATZ, J. e J. Fodor (1963) - "Structure of a semantic theory", Language 39-2 (republicado em Fodor e Katz 1964; republicado em Jakobovits e Miron, 1967).
- KATZ, J.A. e P. Postal (1964) - An Integrated Theory of Linguistic Descriptions (Cambridge, Mass.: MIT Press).
- LOBATO, M.L. Pinheiro (1977) - A Semântica na Lingüística Moderna: o Léxico (Rio: Francisco Alves).
- STEINBERG D. e Jakobovits, L.A. (1971) - Semantics, an Interdisciplinary Reader in Philosophy, Linguistics and Psychology (Cambridge: Cambridge U.P.).
- WEINREICH, U. (1966) - "Explorations in Semantic Theory", in T.A. Sebeok - Current Trends in Linguistics, III (Haia: Mouton) (republicado parcialmente em Steinberg e Jakobovits).